

27/07/2007

Um transporte alternativo

A Volta da França é a prova ciclística mais tradicional do mundo. Realizada pela primeira vez em 1903, ela foi e continua sendo o palco de grandes aventuras. São **centenas de quilômetros percorridos por dia, por lindas paisagens da França**, país cujo território é cerca de 16 vezes menor do que o do Brasil mas que também dispõe de uma grande beleza e diversidade em termos de paisagem. A Volta é dividida em várias etapas e os ciclistas vão passando por diferentes lugares, inclusive dentro de diversas cidades, tanto de áreas mais urbanas quanto do campo e da montanha. É uma imensa viagem pela França. Uma viagem linda e difícil.

Vários nomes se destacaram em **mais de um século de Volta da França** como pessoas que superaram grandes dificuldades para percorrer tantos quilômetros. Entre esses nomes, podemos citar os franceses Bernard Hinault e Jacques Anquetil, o belga Eddy Merckx, o italiano Fausto Coppi, o espanhol Miguel Indurain e o estadunidense Lance Armstrong. Neste ano, Murilo Antoniobil Fischer é o único brasileiro a participar da competição. O Brasil não tem tradição na Volta da França, mas Fischer tem tido uma boa atuação, especialmente em momentos em que a velocidade é importante.

Carlos Eduardo Gonçalves Carvalho, analista de sistemas que trabalha na TI/TI-CORP/TI-ED desde o final do ano passado, nunca participou da Volta da França nem de outra competição dessa envergadura. Ele tampouco acompanha esse esporte diretamente no local ou pela televisão. Mas é mais **um dos milhões e milhões de ciclistas amadores pelo mundo afora**. Como, aliás, pelo menos dois outros trabalhadores da TI, Giuseppe Caran dos Santos e Sérgio Costa de Lima, sobre os quais já publicamos reportagens no *Gente da TI*. Carlos Eduardo, que está acompanhando a série de matérias que estamos fazendo sobre fotografia, acaba unindo o ciclismo e as imagens em seu dia-a-dia. E nessa união ainda cabem outros elementos, como a preocupação com o meio ambiente e a valorização do companheirismo.

Ele aprendeu a andar de bicicleta ainda criança, como muita gente. Mas o gosto por essa prática esportiva e de lazer veio mesmo quando estava na universidade. Na época, Eduardo morava na Tijuca, um bairro bem tradicional do Rio de Janeiro, e costumava pedalar com bastante frequência. Um exemplo de percurso que realizava era sair da Praça Afonso Pena, passar por boa parte do bairro, **subir o Alto da Boa Vista e entrar na Floresta da Tijuca**, considerada a maior floresta em área urbana do mundo. Lá, ele ainda fazia trilhas. E depois retornava. Embora não se compare aos Alpes ou aos Pirineus, alguns dos locais por onde passam os ciclistas na Volta da França, a subida do Alto da Boa Vista tem trechos bastante íngremes. Isso dificulta tanto na subida quanto na descida. Afinal, o esforço físico pode até ser realmente maior na subida, mas não é desprezível na descida, que também demanda muita atenção para que acidentes sejam evitados.

Eduardo também pedalava pela orla. "Com um amigo, uma vez fui da Tijuca até o Mirante do Leblon, passando pelo Centro, pelo Aterro do Flamengo, por Botafogo, Copacabana, Ipanema e Leblon, e voltando em seguida", conta. Em outra ocasião, foi da Tijuca até a Ilha do Fundão, onde ficam o Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (Cenpes) e algumas faculdades da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele completou esse percurso em 35 minutos. Foi um **tempo menor do que ele levaria para percorrer o mesmo trajeto de ônibus**, na medida sobretudo em que teria que pegar dois ônibus.

Esse tipo de situação ajudou Eduardo a perceber a bicicleta como um meio de transporte especial. Não como um meio perfeito, até porque a questão da perfeição é relativa, mas como um meio especial realmente. Ele percebeu que a **bicicleta pode ser um veículo que une lazer, exercício físico e cuidado com o meio ambiente**. E que também propicia um passeio, nos brindando com paisagens diversas, e que pode contribuir para que tenhamos um novo olhar sobre as paisagens que já não enxergamos mais, de tão familiares que se tornaram, ou até mesmo sobre aquelas que nunca tínhamos visto mesmo, por mais que as tivéssemos olhado.



Eduardo pedala entre o metálico e o do Rio de Janeiro



Na garagem do prédio onde mora



Bernard Hinault (no primeiro plano) da França



Ciclistas passam por uma cidade do i da França na volta ao país



Na Floresta da Tijuca

No caso de Eduardo, essa união possibilitada pela bicicleta acontece especialmente nas ruas do Rio de Janeiro. **Ir de casa para o trabalho de bicicleta e voltar** já passava pela cabeça dele há tempos. Depois que descobriu a existência de um bicicletário e de um vestiário com chuveiro na garagem do Edise, resolveu colocar essa idéia em prática. Hoje Eduardo mora no Leblon e é de lá, portanto, que vai pedalando para o Centro, passando pela Lagoa, por Botafogo, pelo Flamengo, pela Glória e pelo Passeio. Transita por paisagens que figuram em cartões-postais e por outras típicas de qualquer cidade grande. Carros, ônibus, motos, pedestres, placas, sinais, prédios, trabalhadores que entregam materiais pedalando pelas ruas... Com sua bicicleta, Eduardo vai serpenteando por entre tudo isso e por muito mais. Por situações típicas do Rio de Janeiro.

O Castelinho do Flamengo é um exemplo de imóvel pitoresco em meio a prédios que muitas vezes são arranha-sonhos. A rua Praia do Flamengo, aliás, tem alguns prédios pitorescos, que destoam harmoniosamente da arquitetura de estilo Barra da Tijuca, que tem ocupado vários espaços na cidade. São, geralmente, prédios mais antigos, assim como os tradicionais sobrados da vizinha rua do Catete. Aliás, os sobrados da rua do Catete ficam muitas vezes "invisíveis" para muita gente. Em parte porque nem todos estão bem conservados e, numa maior medida, talvez, porque o ritmo acelerado da cidade grande num sistema em que dizem que tempo é dinheiro condiciona a maioria dos habitantes a não se dar o tempo de conhecer seu bairro e os locais por onde passa cotidianamente. **A bicicleta é o camelo em que Eduardo desvenda trechos da cidade.**

Eduardo já praticou vários esportes, como vôlei, tênis, tênis de mesa, natação, surfe e basquete. Atualmente, se dedica ao ciclismo. Ele utiliza a mesma bicicleta que usava há 15 anos. Ele até está fazendo alguns ajustes nela para melhorá-la, mas realmente prefere utilizar uma bicicleta menos valorizada e chamativa, em função da violência que vem causando um alto índice de mortes por arma de fogo no Rio de Janeiro. Eduardo conta que **andar de bicicleta lhe propicia uma sensação de liberdade**, de aventura, de contato com a natureza, mesmo quando pedala em meio a carros. Ele gosta, por exemplo, do vento sussurrando em seu rosto. O esporte realmente é diferente da malhação pura e simples, na medida em que pressupõe contato com a natureza ou, pelo menos, uma interação com outras pessoas em equipe.

Eduardo gosta de pedalar sozinho. Afinal, como ele próprio contou, a bicicleta lhe ajuda a conhecer melhor a cidade, a aproveitar melhor o dia e a colocar um pouquinho do cuidado com o planeta em prática, tudo isso de modo prazeroso, notadamente a partir da interação com a própria cidade e suas cenas e com a natureza. Mas ele também gosta de pedalar junto com outras pessoas. Nesse sentido, **está tentando encontrar outros trabalhadores da Petrobras que queiram acompanhá-lo nas pedaladas** de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Por enquanto, ele está fazendo esse trajeto uma vez por semana. Além disso, Eduardo é mais um que poderia fazer parte de um grupo organizado de ciclistas da TI. Ele torce pelo dia em que a cidade estará mais preparada para quem quer circular por ela de bicicleta, mas, enquanto isso, busca compartilhar seu gosto pelas pedaladas, sempre tomando cuidado com os carros.



Grande parte do percurso que Eduardo faz de casa para o trabalho



Bicicletário no Edise



Eduardo toma banho no vestiário do prédio



Arquitetura interessante do Castelinho do Flamengo

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO :: ✉